

Quem é o escritor moçambicano?...

Domingo
3 sept. 1989

— ou a ressurreição de uma polémica que nunca morreu...

EU tenho a impressão de que o melhor critério é o critério do coração: se um indivíduo se sente que pertence a este país, se calhar pertence; se ele não sente que pertence, não pertence; portanto, o critério mais simples, uma vez extraordinariamente efectivo é o indivíduo saber se está ou não ligado ao país. Se está, está. Se não está, não está: todos os outros critérios, a meu ver, são posições, são burocráticos, não têm nada a ver com a literatura... — Eugénio Lisboa, poeta português, em entrevista à Rádio Moçambique, publicada, posteriormente, na página «Ler e Escrever» do semanário «Domingo», a 6 de Agosto do presente ano.

«Se perguntarmos ao autor: «Olá, você, dentro do seu coração, considera-se moçambicano? E se ele disser que sim, isso é que vale! Portanto, eu acho que o critério do coração, o critério da simpatia é fundamental...» — o mesmo poeta em entrevista à «Gazeta de Artes e Letras» da Revista «Tempo», de 30 de Julho passado.

Como toda a gente sabe, Eugénio Lisboa, poeta e ensaísta português esteve, recentemente, entre nós. Eu fui um dos que acompanharam atentamente a sua presença. Foi, para mim, devo confessar, bastante agradável. É uma figura possuidora de uma senhora cultura. É bastante agradável ouvi-lo dissertar sobre qualquer assunto.

Em alguns dos encontros e debates onde ele tomou parte, como devem estar lembrados os que participaram voltou, de novo, a estar em voga a problemática «Quem é o Escritor Moçambicano, Quem o Não é?» Uma velha polémica e simultaneamente nova. Quer dizer, um assunto que nunca fica ultrapassado no tempo.

Parece-me, a mim, que estes sintéticos extractos deixam clara a opinião de Eugénio Lisboa em relação a esta questão: «Para ele, o critério a ter em conta para a definição da moçambicanidade de um escritor é o do coração: «Se (um indivíduo souber dentro do seu coração que está ligado a este país) «está está, se não está, não está», estava a citar outra vez.

Ora, eu não creio que isto seja bem assim. Se assim fosse, acho, não seria esta uma questão que justificasse uma grande polémica

em todo o lado onde casos destes se verificarem. Que dividisse grandes literatos.

Escrevia Eça de Queiroz, um dos grandes romancistas portugueses de todos os tempos, citando um grande letrado, a seus amigos, tentando justificar alguns insucessos na sua vida, que «o coração põe e a dispõe».

Queria dizer Eça de Queiroz, na minha maneira de ver, que o coração pode estar com grandes necessidades, grandes desejos, ou mesmo pequenos desejos, mas se a vida não se dispõe satisfazer-lhes, tal não chega a ser possível, quer dizer, o coração fica com o desejo por concretizar. Em outras palavras, não basta que o coração deseje, que necessite de alguma coisa, é preciso que o que ele deseja esteja disponível a ele, esteja a seu alcance. Esta é a minha leitura desta citação do grande escritor português, passível, no entanto, de contestação.

Também me lembro de uma entrevista recente que Albino Magaia um dos escritores moçambicanos, concedeu à Rádio Moçambique e, posteriormente, publicada no «Diário de Moçambique». Nela Albino Magaia defendia que o verdadeiro escritor moçambicano é aquele que, em alguma província do nosso país, tivesse sentido o cheiro da pólvora.

Dizna que Albino Magaia tem certa razão. Certã, no sentido de que não é apenas a guerra o dia-dia deste país. Embora ela marque, já desde há vinte e quatro anos, uma grande presença na vida desta povo. Uma presença de maneira sintomática, mas que nunca chega a ser uma tradição, portanto, uma cultura. Nenhum povo tem na guerra a sua cultura, a sua tradição, por mais que esta dure cem anos, como no caso de Espanha.

Por conseguinte, penso, que um escritor de um dado país — neste caso moçambicano — deve ser uma pessoa que conhece verdadeiramente a cultura do povo desse país. Pode ele não pertencer a esse país. E pode mesmo não conhecê-la integralmente, porque isso é bastante difícil naturalmente, mas que o seu conhecimento seja sólido.

Não acredito, nem nunca posso acreditar que alguém, considerando-se escritor moçambicano, escreva por exemplo em seu conto

ou em seu romance que um camponês deste país, que devido à guerra saiu do campo e agora habita à cidade, amaldiçoe a chuva. Mesmo que a chuva caia durante quinze ou mais dias consecutivos. Para este povo, a chuva tem um significado bastante profundo — ou porque os deuses estão satisfeitos, quando chove na altura em que o camponês mais necessita dela — ou os deuses estão zangados, quando chove fora do tempo em que o camponês mais precisa, ou quando caí demasiadamente e por tempo bastante longo. E os camponeses deste país adoram os deuses, para eles, os deuses são a coisa mais sagrada. E, portanto, amaldiçoar a chuva seria a amaldiçoar os deuses.

Não pretendo, no entanto, com isto, dar a entender que só pode ser escritor moçambicano aquele que alguma vez tiver sido camponês, não, não é preciso ser camponês para conhecer a cultura de um dado país, ou para se ser culto. Qualquer pessoa, com qualquer actividade pode ser escritor e pode ter ampla cultura.

Portanto, na minha maneira de entender, o critério de coração não é, em si, suficiente para se considerar fulano ou para se auto-considerar escritor moçambicano. Talvez esse seja o segundo, depois de a pessoa conhecer um pouco da cultura, da tradição de um povo — no caso vertente o Povo moçambicano. Porque se não, por ter uma grande paixão pelo povo chinês, bastava-me uma breve estada naquele país para pegar num papel e numa caneta e fazer-me de escritor chinês.

Muitos daqueles que se julgam escritores moçambicanos, enquanto pouco ou quase nada sabem da cultura deste país, quanto a mim, têm é paixão por este povo, ou talvez um certo amor por este país — e, como se sabe ninguém está disso proibido. Qualquer pessoa pode gostar daquilo que quiser. Paixão essa que lhes leva ao extremo de se sentirem autorizados a escrever sobre ele. — o povo. Não questiono eles serem ou não escritores. Questiono é eles serem ou não serem escritores moçambicanos. Um escritor, um verdadeiro escritor, nunca escreve sobre uma realidade que não viveu, que não conhece, sobre uma situação que não conhece e sobre um povo que não conhece. Portanto, só pode ser escritor moçambicano aquele que conhece o mínimo, se quisermos ser tolerantes, da cultura deste país. Se não conhece, não conhece e portanto não pode escrevê-lo.

E ponto final.

TOMÉ SENGANE

Maputo, 20 de Agosto de 1989.